



Pensamentos, Emoções de um Grupo de Cadeirantes frente aos Problemas causados pela Falta de Acessibilidade nas Universidades

Thoughts, Emotions of a Group of College Wheelchair facing the Problems Caused by Lack of Accessibility in the Universities

Maria Cecília Prado¹
Patrícia Costa dos Santos da Silva²
Simone Cristina Ferreira³
Miriam Monteiro de Castro Graciano⁴
Evelise Aline Soares⁵, Gema Mesquita⁶

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) – Alfenas/MG.

² Mestre, Professora do Curso de Enfermagem da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) – Alfenas/MG.

³ Mestranda em Ciências, Gerente da Área de Administração do Centro de Investigação em Pediatria da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas/SP.

⁴ Doutora, Professora do Curso de Medicina da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) – Alfenas/MG.

⁵ Doutoranda em Anatomia (UNICAMP) e Professora do Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) – Alfenas/MG.

⁶ Doutora, Professora do Curso de Psicologia da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) – Alfenas/MG.

RESUMO

Objetivo: Conhecer a percepção dos sentimentos em 7 universitários cadeirantes, frente aos obstáculos físicos dentro da instituição de ensino, os sintomas de depressão e a interação desses alunos com outros colegas da universidade. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, de corte transversal entre sete cadeirantes estudantes de graduação, homens (5) e mulheres (2) na faixa etária de 20 a 25 anos. A coleta de dados foi obtida através de questionário autoavaliativo, composto por perguntas descritivas e objetivas. O acesso aos participantes aconteceu dentro da universidade frequentada pela pesquisadora, no domicílio e via internet. **Resultados:** Observou-se que todos os cadeirantes alegaram que as universidades não oferecem acesso adequado e 71,5% disseram que diante da falta de acesso se sentem dependentes para executar algumas atividades. A respeito da interação com os colegas 14,2% atribuem a falta de acessibilidade como fator que impede a interação, 42,9% referem que somente em algumas situações. Os sentimentos relatados foram exclusão e raiva (42,9%), constrangimento (28,6%) e revolta (28,6%). **Conclusão:** Os alunos cadeirantes foram unânimes ao responderem que a falta de acesso não influencia no rendimento escolar e não impedem que estudem. Não houve relações significativas com a falta de acesso, e o desempenho escolar, interação e incidência de depressão.

Palavras Chave: Acessibilidade, Universidade, Cadeirantes.

ABSTRACT

Objectives: Knowing the perception of feelings in 7 university wheelchair, compared to physical barriers within the educational institution, symptoms of depression and interaction with fellow students of the university. **Materials and Methods:** This was a descriptive cross-sectional study among seven graduate students in wheelchairs, men (5) and women (2) aged 20 to 25 years. Data collection was obtained through self-rated questionnaire, composed of objective and descriptive questions. Access to participants occurred within the university attended by the researcher, at home and via the Internet. **Results:** All wheelchair users alleged that universities didn't offer adequated access and 71,5% said that, in front a lack of physical access, they felt dependent to do some activities. About the interaction with colleagues, 14,2% attach the lack of accessibility as a factor that impede the interaction, 42,9% said that it happens only in some situations. The feelings related by the wheelchair users in front the obstacles were 'exclusion and anger' (42,9%), 'embarrassment' (28,6%) and 'revolt' (28,6%). **Conclusion:** Wheelchair students were unanimous to respond that the lack of access don't influence on school performance. It was not observed significant relations with lack of accessibility, school performance, interaction and depression incidence.

Key words: Accessibility, University, Wheelchair.

Correspondência:

Evelise Aline Soares
Rua Joaquim Lázaro Gomes, 155 - Jd
Aeroporto
CEP: 37130-000 Alfenas, MG
Fone: (35) 3291-7900
E-mail: evelise.soares@unifenas.br

INTRODUÇÃO

O século XXI demonstra avanços significativos quanto ao entendimento da diversidade do planeta e principalmente, da diversidade humana. A importância dada a esse aspecto tem sido muito discutida e a luta pelos direitos humanos, a não segregação dos diferentes e a busca pela homogeneidade ganharam um grande espaço na organização social. A diversidade humana nos permite notar que algumas pessoas necessitam de condições especiais para desenvolver suas atividades do dia a dia, por possuírem habilidades e necessidades diferentes.¹

A produção e disseminação de conhecimentos estão diretamente relacionadas ao ambiente universitário. Destaca-se a informação como fator essencial nesse processo, considerando-a como parte indissociável da educação, lazer, trabalho, para todas as pessoas e também para os portadores de necessidades especiais, uma vez que são as pessoas que constroem o conhecimento e geram informação.¹ Como qualquer outro cidadão, o portador de deficiência tem direito ao acesso físico e à Educação Superior, assegurados por lei, de acordo com o art.44 da Lei Federal 9.394/96.²

O acesso de portadores de necessidades especiais no Ensino Superior é um direito e cabe à instituição dispor de adaptações necessárias para que esse aluno possa permanecer e concluir o curso normalmente, como qualquer outro. Deste modo, estão colaborando para que os cadeirantes possam se dedicar aos estudos e posteriormente, ao mercado de trabalho, contribuindo assim de forma ativa para o desenvolvimento da sociedade.¹

A adoção de ambientes saudáveis requer intervenções com participação social e articulação intersetorial, visando a

consecução do direito à saúde e a melhoria das condições de vida da população.³

Em se tratando dos portadores de necessidades especiais, o conceito “acessibilidade” define diretrizes discutidas e aprovadas em eventos nacionais e internacionais. No Brasil, o acesso dessas pessoas está regulamentado pelo Decreto 3.298/99.⁴

A acessibilidade é um dos principais fatores que rege as relações entre a sociedade e os indivíduos portadores de deficiências, influenciando em vários aspectos, diretamente ligados aos seus direitos enquanto cidadão. Desta forma, tornou-se crucial na sociedade, principalmente para os portadores de necessidades especiais, abrangendo um amplo conjunto de aspectos: emprego, saúde, educação, reabilitação, entre outros, que necessitam de um espaço urbano e edificado, livre de barreiras arquitetônicas e urbanas. Todavia, por mais que se tenha ciência deste panorama, por mais que haja regulamentos que determinem a eliminação de barreiras, sua aplicação ainda é muito restrita e se observa falta de acessibilidade no ambiente em geral.⁵

Em se tratando de um tema ainda pouco investigado e considerando que as Universidades que atendem uma minoria de acadêmicos cadeirantes são ambientes conhecidos por poucos, os sentimentos e emoções desses estudantes adquirem maior importância, permitindo-nos uma incursão nessa realidade incógnita. Diante da relevância do assunto este estudo tem o objetivo de conhecer os sentimentos e reações emocionais frente à falta de acessibilidade em um grupo de cadeirantes, alunos do ensino superior.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, de corte transversal e abordagem quantitativa e qualitativa.

A amostra por convivência foi constituída por sete cadeirantes, alunos do ensino superior, sendo dois do sexo masculino e cinco do sexo feminino que se disponibilizaram em participar voluntariamente da pesquisa, residentes no sul de Minas Gerais e São Paulo.

A coleta de dados foi realizada individualmente, dentro das universidades, no domicílio do portador de necessidades especiais ou virtualmente pela internet, no período de fevereiro a março de 2010, da seguinte forma: para os participantes que frequentavam a mesma universidade da pesquisadora, o questionário foi aplicado nos intervalos das aulas; para aqueles que moravam em cidades próximas desta universidade, o questionário foi levado em seus domicílios, por um familiar da pesquisadora, considerando a dificuldade de locomoção da mesma, que também é cadeirante; ao passo que para os participantes internautas, o questionário foi enviado por documento eletrônico, através de e-mail, sendo o contato inicial com esses internautas estabelecido por meio de comunidades do Orkut.

Não foi intuito da pesquisa, identificar as universidades frequentadas pelos cadeirantes, nem os cursos frequentados por cada um.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas), com o parecer nº 230/2009.

Para a coleta de dados utilizou-se um questionário semi-estruturado, elaborado pelos autores do trabalho, contendo 10 questões relacionadas à acessibilidade, emoções e sentimentos dos

cadeirantes (Quadro1) e agendou-se previamente o dia e horário da entrevista com todos os participantes, evitando assim, que houvesse interferência em suas atividades diárias.

Para avaliação da depressão, foi utilizada a escala de uso mundial, livre apenas para psicólogos, o Inventário de Depressão de Beck (BDI), uma escala sintomática de rastreamento de depressão, que detecta sintomas depressivos, composta por 21 questões. Cada questão possui quatro respostas, com valores variando entre 0 e 3. As pontuações finais possíveis para o BDI são: 0 a 9 - ausência de sintomas; 10 a 15 - depressão leve; 16 a 19 - depressão moderada; 20 a 29 - depressão moderada a grave; 30 a 63 - depressão grave, seguindo o protocolo de Cunha.⁶

Os dados foram organizados nos programas Microsoft Word e Microsoft Excel e analisados quantitativamente, sendo expressos valores absolutos e percentuais. Para avaliar a associação das variáveis (emoções, acessibilidade e depressão) foi realizada a estatística inferencial, por meio da aplicação de teste estatístico R Development Core Team.⁷ Considerou-se o nível de significância de 5%, ou seja, os dados foram estatisticamente significantes para os valores de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Da amostra de sete sujeitos, todos (100%) afirmaram que as universidades nas quais estavam matriculados não possuíam acesso adequado aos cadeirantes.

Entre estes universitários, cinco (71,5 %) alegaram que diante da falta de acesso físico eles se sentem dependentes para executar algumas atividades e dois (28,5%) não relacionaram a questão da dependência à falta de acesso. (Tabela 1)

Tabela 1 – Sentimento de dependência frente aos obstáculos físicos nas universidades

	Nº Absoluto	Porcentagem
Sim	5	71,5
Não	2	28,5
Total	7	100

Observou-se que os graduandos apresentaram vários sentimentos aversivos, quando se deparam com os obstáculos físicos. Sentimentos como, raiva, constrangimento, revolta e exclusão foram os mais significativos: três cadeirantes (42,9%) afirmaram sentir raiva; dois (28,6%) constrangimento, e dois (28,6%),

revolta ao se deparar com os obstáculos físicos (Figura 1). Quando questionados sobre o sentimento de exclusão, quatro cadeirantes universitários (57,1%) disseram que não se sentem excluídos, dois (28,6%), afirmaram que sim e apenas um (14,3%) alegou que somente em algumas situações, se sentiu excluído.

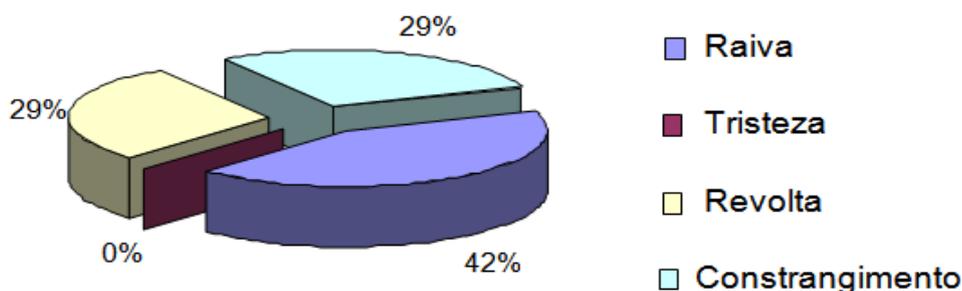


Figura 1 – Sentimentos apresentados pelos cadeirantes frente aos obstáculos físicos encontrados nas universidades

Com relação às situações de constrangimento, cinco estudantes (71,4%) já passaram por situações deste tipo, dentro do ambiente universitário, pela inacessibilidade física e dois (28,6%) afirmaram não passar por essas situações (Figura 2). As principais descrições de situações constrangedoras por esse grupo de

cadeirantes foram: subir lances de escadas carregados por colegas, tomar chuva por não ter estacionamento adequado, balcões e bebedouros fora do nível, banheiros com portas estreitas e falta de capacitação por parte dos funcionários como o exemplo: “O bibliotecário pediu que eu me levantasse para pegar um livro”.

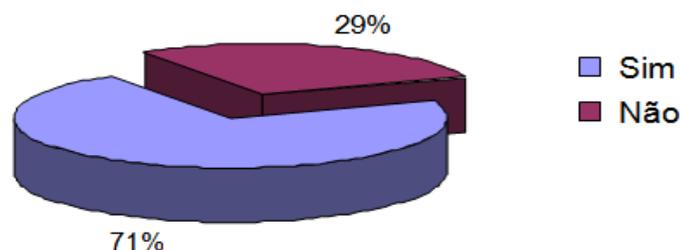


Figura 2 – Situação de constrangimento pelos cadeirantes por inacessibilidade nas universidades

Os alunos cadeirantes foram unânimes (100%) ao responderem que a falta de acesso não influencia no rendimento escolar e não impedem que estudem.

Observou-se que todos os participantes entrevistados têm facilidade de pedir ajuda quando deparam com um obstáculo.

Quanto à interação com os colegas, um cadeirante (14,2%) atribuiu a falta de acessibilidade como fator que impede esta interação; três (42,9%) disseram que somente em algumas situações perceberam que a falta de acessibilidade impede a interação com os colegas e três (42,9%) afirmaram que esta não atrapalha a interação (Tabela 2)

Tabela 2 - Sentimento de exclusão frente à falta de acesso físico na universidade

	Nº Absoluto	Porcentagem
Sim	2	28,6
Não	4	57,1
Às vezes	1	14,3
Total	7	100

Quando questionados se a instituição de ensino se adaptou para recebê-los, três (42,9%) disseram que sim; três (42,9%) responderam que tiveram de se

adaptar à estrutura oferecida e um (14,2%) alegou que não (Figura 3).

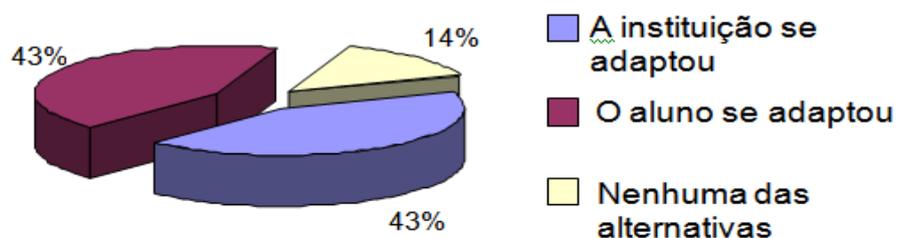


Figura 3 – A instituição de ensino se adaptou para receber o aluno cadeirante?

Entre os alunos cadeirantes que frequentam universidades sem acesso adequado, dois (28,6%) apresentaram

quadro leve de depressão e cinco (71,4%) não apresentaram qualquer sintoma de depressão (Figura 4).

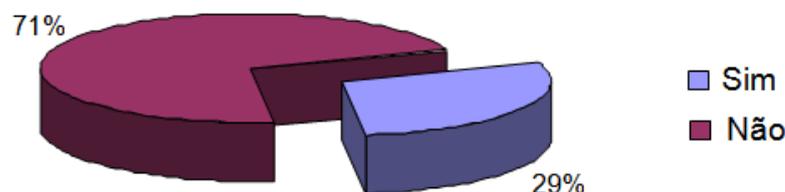


Figura 4 – Presença de depressão diante da inacessibilidade aos cadeirantes nas universidades

DISCUSSÃO

No presente estudo, observou-se que diante dos obstáculos físicos, os cadeirantes revelaram que sentem raiva, revolta e descreveram várias situações em que se sentiram constrangidos.

A literatura apresenta alguns estudos que comentam os sentimentos frente aos problemas de acessibilidade, como no de Guimarães,⁸ ao apontar que os indivíduos, quando não conseguem sobressair aos problemas de acessibilidade, podem desenvolver baixa autoestima, depressão, angústia e revolta. Gouveia *et al.*,⁹ afirmaram que o constrangimento é uma emoção expressa por uma ansiedade social sobre a observação do outro, seja ela real ou imaginária. Tal experiência emocional envolve uma sensação de inaptidão e exclusão social. O constrangimento afeta momentaneamente a identidade exposta pelo indivíduo na interação social, em ocasiões de contágio emocional.

Neste estudo observou-se que a raiva foi relatada pela maioria dos participantes, quando se depararam com o

problema de acessibilidade. Não obstante, para Lipp,¹⁰ os indivíduos que sentem raiva, frequentemente sofrem angústia verdadeira, que pode ser fonte geradora do estresse.

A revolta também foi um sentimento manifestado pelos entrevistados e em relação a isso, também não foram encontrados na literatura estudos que permitissem comparações com nossos achados; no entanto, Petean e Brunhara¹¹ apontam a revolta como grande perturbação moral causada por indignação, aversão e repulsa, sendo uma reação manifestada frente a uma situação não esperada, sobre a qual não se tem controle.

O estudo mostra ainda que a acessibilidade nas universidades não atende às necessidades dos alunos cadeirantes. Para Mazzoni *et al.*,¹ embora tenham sido reformadas, as universidades ainda não satisfazem integralmente os princípios de acessibilidade e usualidade, do mesmo modo, Medina, Raizer e Pereira,¹² reconhecem a importância da acessibilidade no ensino superior e a verificam dentro da Universidade de Campinas, concluindo que a universidade apresenta falhas nesse

aspecto e acaba restringindo - ou pelo menos prejudicando - esse grupo de cidadãos.

No presente estudo, quase metade dos cadeirantes relatou que as universidades se adaptaram para receber alunos com deficiência física e uma minoria mencionou que não houve essa adaptação. Entre todos eles não foram observadas queixas relacionadas à falta de acessibilidade e o desempenho escolar. A maioria negou que a falta de acessibilidade atrapalha na interação com os colegas. Este estudo entra em consonância com os estudos de Fisher,¹³ que defendem a questão da inclusão de deficientes no ensino superior e confirmam que as universidades adaptam-se a algumas urgências de seus alunos cadeirantes e não suprem totalmente suas necessidades, mesmo que eles demonstrem bom rendimento escolar. Sobre a interação, o estudo coloca em questão que a falta de acesso não impede a interação do cadeirante com outros colegas.

Também foi observado em nosso estudo que a maioria dos participantes relata dependência diante de um obstáculo e demonstra não ter dificuldades para pedir ajuda, diante de situações de difícil acesso. Dessa forma, pode-se concluir que a falta de acessibilidade poderia levar a percepção de incapacidade e falta de autonomia, corroborando com o estudo de Simionato e Marcon,¹⁴ onde capacidade e autonomia estão ligadas à independência.

Não há estudos na literatura sobre a relação da acessibilidade e a depressão em alunos universitários, contudo Figueiredo e Oliveira,¹⁵ ao analisarem a relação entre depressão e estudantes universitários, observaram que, ao ingressarem na universidade, os acadêmicos passam por um

desequilíbrio emocional, surgido diante das inseguranças dessas novas relações e a não superação dessa crise pode gerar angústia, desinteresse, estados de depressão e apatia nos graduandos; em alguns casos, o aluno universitário demonstra não entrar em depressão, mas vive constantemente em estados de tensão oriundos da própria situação acadêmica.

CONCLUSÃO

Os universitários participantes deste estudo declararam sentimentos aversivos frente a um obstáculo físico e a não acessibilidade na universidade para os cadeirantes, mas não foi encontrada relação entre rendimento escolar e os problemas de locomoção. Entretanto, o sentimento de dependência é relacionado à falta de acessibilidade, mas a falta de acessibilidade não é relacionada aos sintomas de depressão.

Os argumentos aqui demonstrados evidenciam que a acessibilidade para os universitários cadeirantes não interfere na interação destes com os demais colegas na graduação.

Embora este estudo tenha apresentado informações estatisticamente significativas, o número de entrevistados foi limitado porque a população de cadeirantes dentro das universidades é pequena e a legalização da inclusão é recente, sugerindo que novos estudos sejam realizados com amostras mais significativas.

REFERÊNCIAS

1. Mazzoni AA, Torres EF, Oliveira R, Ely VHMB, Alves JBM. Aspectos que interferem na construção da acessibilidade em bibliotecas universitárias. *Ci Inf.* 2001;30(2):29-34.

2. Ministério da Educação (BR). Federação Brasileira, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. [Internet]. 1996 [Citado 2010 Out 18]. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>.
3. Pedrosa JIS. Perspectivas na avaliação em promoção da saúde: uma abordagem institucional. Ciênc Saúde Coletiva. 2004;9(3):617-26.
4. Brasil. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. [Internet]. [Citado 2001 Mar 14]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>.
5. Círico LA. Por dentro do espaço habitável: uma avaliação ergonômica de apartamentos e seus reflexos nos usuários [Dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2011.
6. Cunha JA. Manual da versão em português das escalas Beck. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
7. The R Development Core Team. R: a language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria 2010.
8. Guimarães MP. A eliminação de barreiras possibilita aos portadores de deficiência agirem na sociedade. [Internet]. 2002; [Citado 2011 Mar 13]. Disponível em: www.ceset.unicamp.br/joaquiml/ST%20019/Acessibilidade.doc
9. Gouveia VV, Singelis T, Guerra GA, Vasconcelos TC. O sentimento de constrangimento: evidências acerca do contágio emocional e do gênero. Estudos de Psicologia. 2006;23(4):329-37.
10. Lipp MEN. Stress e o turbilhão da raiva. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2005.
11. Petean EBL, Brunhara F. Mães e filhos especiais: reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança. Paidéia. 2011;9(16):31-40.
12. Medina DS, Raizer K, PereiraWJN. Adequação da Unicamp às necessidades dos deficientes físicos e sensoriais. Rev Ciênc Ambiente On-Line. 2006;2(1):53-60.
13. Fisher J. Inclusão escolar de acadêmicos com deficiência na universidade: possibilidades e desafios. Universidade de Blumenau [Internet]. 2009; [Citado 2011 Mar 13]. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT15-6473--Int.pdf>
14. Simionato MAW, Marcon SS. A construção de sentidos no cotidiano de universitários com deficiência: as dimensões da rede social e do cuidado mental [Internet]. Psicologia para América Latina 2006; [Citado 2010 Out 19] Disponível em: <http://www.psicolatina.org/Siete/construcao.html>.
15. Figueiredo RM, Oliveira MAP. Necessidade de estudantes universitários para implantação de um serviço de orientação e educação em saúde mental. Rev Latino-Am Enfermagem. 1995;3(1):05-18.

Quadro 1 - Questionário semi-estruturado elaborado pela autora da pesquisa

- 1: Sua universidade possui acesso adequado aos cadeirantes?
Sim () Não ()
- 2: Os obstáculos físicos fazem você sentir dependente?
Sim () Não ()
- 3: As barreiras físicas dificultam seu acesso aos estudos?
Sim () Não ()
- 4: O que você sente diante destes obstáculos?
Raiva () Constrangimento () Revolta () Tristeza () Exclusão () Outros ()
- 5: A falta de acessibilidade física dificulta a sua interação com os colegas?
Sim () Não ()
- 6: Qual a sua reação quando se depara com um obstáculo?
Pede Ajuda () Desiste do que iria fazer ()
- 7: A falta de adaptação na universidade atrapalha de alguma forma o seu rendimento escolar? **Sim () Não ()**
- 8: Você se sente excluído no ambiente universitário pela falta de acesso físico?
Sim () Não ()
- 9: Você já passou por situações de constrangimento pela inacessibilidade na universidade?
Sim () Não ()
- 10: A instituição de ensino que você estuda adaptou-se para recebê-lo ou você precisou se adaptar para frequentá-la?
A instituição se adaptou () O aluno se adaptou () Nenhuma das alternativas ()

Correspondência: Evelise Aline Soares Rua Joaquim Lázaro Gomes, 155 - Jd Aeroporto CEP: 37130-000 Alfenas, MG Fone: (35) 3291-7900 E-mail: evelise.soares@unifenas.br